

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES E HUMANIDADES
CURSO DE PEDAGOGIA

**A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO
COGNITIVO DA CRIANÇA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO
FUNDAMENTAL**

VITÓRIA SANTOS DE FRANÇA

GOIÂNIA
2022
VITÓRIA SANTOS DE FRANÇA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE NO DESENVOLVIMENTO COGNITIVO DA CRIANÇA NAS SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Monografia elaborada para fins de avaliação parcial da disciplina Monografia II do Curso de Pedagogia, da Escola de Formação de Professores e Humanidades, da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

Prof.^a Orientadora: Dr^a Elianda Figueiredo
Arantes Tiballi

GOIÂNIA
2022

Dedico esta monografia a todos os profissionais da educação que buscam ser agentes de transformação no atual cenário da educação brasileira.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus por ter me permitido realizar meu sonho e ter me trazido até este momento, sem Ele não sou ninguém.

Deixo aqui também meus sinceros agradecimentos a minha família que aturou minhas mudanças incessantes de humor durante os últimos quatro anos enquanto tive meus surtos por causa de trabalhos, seminários e demais deveres acadêmicos (risos).

Não poderia esquecer de agradecer as minhas amigas Larissa, Lessandra e Gabriela (a ordem dos fatores não altera o resultado – risos) por me apoiarem nos meus momentos mais difíceis e ouvirem meus desabafos em momentos que eu acreditei que não aguentaria mais. Saibam que vocês são importantíssimas para mim e sem vocês não sou ninguém.

Caros colegas de turma, Amanda, Andresa, Herick, Marlene, Miria, Gabriela e Lessandra, deixo meu grandiosíssimo agradecimento por me incentivarem a continuar – e em certos momentos apoiar – todas as vezes que disse “cansei, vou trancar esse troço”. Vocês me fizeram enxergar que uma pedrinha não me impediria atravessar a linha de chegada e olha onde chegamos. Fico extremamente grata de compartilhar esses momentos finais com vocês. Obrigada por tanto.

Aos colegas que perdemos ao decorrer do curso também deixo meus mais sinceros agradecimentos por me permitir dividir com vocês uma parcela da minha vivência na universidade.

A minha orientadora Dra. Elianda Tiballi, deixo minha eterna gratidão por estar comigo durante esse processo e compreender que foi muito desafiador chegar até aqui. Obrigada por todos os conselhos e por dividir esse momento tão importante comigo. A minha leitora Dra. Milian Daniane Silva por ter aceitado participar da minha banca e ter dedicado o seu tempo para leitura e avaliação do trabalho.

Ao professor Dr. Renato Almeida deixo minha gratidão por todos os momentos divertidos que tivemos e por ouvir meus incessantes desabafos durante o último ao (serei eternamente grata por ter me atendido durante as férias). Foi um enorme prazer dividir essas vivências com você. Espero que possamos nos encontrar e dar risada de tudo isso em alguns anos.

A Pontifícia Universidade Católica de Goiás por ter me acolhido e me proporcionar momentos únicos e uma aprendizagem singular. A Escola de Formação de Professores e Humanidades na pessoa do Professor Dr, Romilson Siqueira, obrigada por esses quatro anos incríveis. A coordenadora do curso, Maria Cristina por me ouvir e acolher quando precisei.

Aos meus amigos em geral, vocês fizeram parte disso. Obrigada por estarem comigo e me apoiarem sempre.

A todos, expresso minha eterna gratidão.

‘Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna.’

João 3:16

**A Importância Da Afetividade No Desenvolvimento Cognitivo Da Criança
Nas Séries Iniciais Do Ensino Fundamental**

Resumo: Este trabalho monográfico é o resultado de uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa exploratória que abordará os conhecimentos, enquanto futura pedagoga acerca da afetividade para compreender a relevância da afetividade no processo formativo do sujeito nas séries iniciais do ensino fundamental. O presente estudo tem como base metodológica o educador francês Henri Wallon. Através da pesquisa bibliográfica foi possível compreender que a afetividade é inerente aos sujeitos e está presente desde o momento do seu nascimento, sendo o principal fator para a aprendizagem. Assim, é necessária a compreensão da importância da afetividade na relação professor-aluno e de que por isso influencia a aprendizagem do educando.

Palavras chaves: Afetividade; Aprendizagem; Desenvolvimento Cognitivo; Criança; Wallon.

**The Importance Of Affectivity In The Cognitive Development Of Children
In The Initial Grades Of Elementary School**

Abstract: This monographic work is the result of a bibliographical research and an exploratory research that will approach the knowledge, as a future pedagogue, about affectivity to understand the relevance of affectivity in the formative process of the subject in the initial series of elementary school. The present study is methodologically based on the French educator Henri Wallon. Through the bibliographic research it was possible to understand that affectivity is inherent to the subjects and is present from the moment of their birth, being the main factor for learning. Thus, it is necessary to understand the importance of affectivity in the teacher-student relationship and that, therefore, it influences the student's learning.

Keywords: Affectivity; Learning; Cognitive Development; Child; Wallon.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Dados sociobiograficos dos estudantes entrevistados

Tabela 2 – Depoimentos sobre a pergunta “O que é afetividade”?

Tabela 3 – Depoimentos sobre a pergunta “Qual a importância da afetividade na relação professor aluno nos anos iniciais do ensino fundamental?”

Tabela 4 – Depoimentos sobre a pergunta “Para você existe alguma relação entre afetividade e aprendizagem escolar. Se sim, qual?”

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	10
-----------------	----

1. A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA.....	15
2. AS IMPLICAÇÕES DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO.....	25
3. A AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA DO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA.....	35
3.1 Caracterização dos sujeitos entrevistados.....	35
3.2 Dados analisados.....	36
CONCLUSÃO.....	44
REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	46
ANEXO	49

INTRODUÇÃO

Na presente monografia, a pesquisadora teve como objeto de investigação o relacionamento e conexões afetivas estabelecidas entre o professor e o aluno no âmbito escolar. Os profissionais da educação, em especial, os professores, não recebem uma formação adequada e suficiente para prepara-los para o as ações educativas no âmbito da escola e tal situação faz com que os profissionais da educação não estejam preparados para atuarem com a formação intelectual, social e afetiva da criança.

Recordo-me de momentos da minha infância em que minhas professoras da educação infantil e anos iniciais estiveram presentes na minha rotina e o impacto que elas tiveram na minha vida e na minha vontade de ser professora. Apesar desse desejo de ampliar meus estudos sobre esta temática ter se perdido com o passar dos anos, hoje percebo que se faz necessária a presença de pedagogas que estejam dispostas a manterem uma relação saudável e de afeto com as crianças.

Essa constatação desencadeou o interesse pelo aprofundamento de estudos que possibilitem ampliar a minha formação e oferecer subsídios teóricos e metodológicos para a minha atuação profissional nas séries iniciais do ensino fundamental e, em especial, pelo estudo sobre a importância da afetividade para o desenvolvimento integral da criança.

Assim, a categoria central desta monografia é a afetividade, por esse motivo faz-se necessário um estudo aprofundado do significado conceitual desse termo através de pesquisa bibliográfica, utilizando como principal teórico Henri Wallon e, para ampliar estes estudos, foram considerados outros autores que dialogam com ele, que são: COSTA (2017) DANTAS (1992), FREIRE (2017) GRATIOT-ALFANDÉRY (2010), MACÊDO (2006), RAMOS *et al* (2017) SEARA E SANTOS (2020) e SOUSA (2011).

Para dar início à elaboração deste projeto realizei um mapeamento de dissertações e teses, que possuem relação direta com o assunto, na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) e no Google Acadêmico. Nesse mapeamento foram identificados um total de 10 trabalhos, sendo 4 dissertações, 1 tese, 1 monografia e 3 artigos. Destes, foram escolhidos 4 trabalhos que tratam mais diretamente o tema deste projeto e que serão descritos a seguir.

Milena Andrea Pedral Vanin de Andrade (2014), em sua Dissertação que tem como título *A dimensão afetiva nas práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras dos anos iniciais do ensino fundamental*, estuda a configuração da dimensão afetiva nas práticas pedagógicas das professoras alfabetizadoras dos anos iniciais do ensino fundamental, e como isso se aplica na prática, tendo como base uma pesquisa exploratória com duas professoras de uma mesma instituição.

Maristela Fatima dos Santos Oliveira (2010) elaborou uma Dissertação, intitulada *Afetividade e escola: uma relação em construção*, e nela apresenta a importância que se deve dar ao papel afetivo no processo de ensino-aprendizagem, levando em consideração diversos fatores relacionados aos sujeitos em questão, em especial suas subjetividades. Sendo assim, a autora busca apresentar qual o impacto de tais ações no sucesso ou fracasso escolar.

Rosa dos Santos Ribeiro (2010) é outro autor que em sua dissertação cujo título é *A afetividade no ensino fundamental: o estado do conhecimento e as contribuições de Piaget e Wallon*, destaca que apesar de pesquisas científicas mostrarem a importância da afetividade no sistema educacional, ainda se encontra negligências na prática docente quando se trata da afetividade. Sendo assim, ela busca entender qual a raiz dessa deficiência e discute a possibilidade de um equilíbrio entre o afetivo e o cognitivo na formação docente.

Oralda Adur de Souza (2017), em sua tese intitulada *Família-escola e desenvolvimento humano: um estudo sobre atitudes educativas familiares*, observa a importância da relação família-escola para o desenvolvimento integral da criança. Teve como base uma pesquisa quantitativa exploratória onde entrevistou professores e familiares. Após o recebimento dos resultados comparou e chegou à conclusão que ambos os grupos concordam que é necessário a presença dos pais no ambiente escolar para melhorar a aprendizagem das crianças.

A partir desse levantamento foi possível delimitar o propósito desta pesquisa e formular o problema que conduziu o desenvolvimento deste estudo investigativo. Nesse contexto, este estudo investigativo foi orientado pelo seguinte questionamento: Quais são os impactos da afetividade no desenvolvimento cognitivo da criança nos anos iniciais do ensino fundamental e qual é a compreensão que estudantes concluintes do curso de Pedagogia possuem desta relação?

Assim, busquei explicar a importância da relação afetiva entre professor e aluno nas séries iniciais do ensino fundamental e, mais especificamente: Explicitar o significado conceitual do termo afetividade; analisar e explicar a relação entre afetividade e aprendizagem e explicitar qual é a compreensão conceitual de afetividade que o estudante concluinte do curso de Pedagogia possui e como este explica a importância da afetividade na relação professor-aluno, nos anos iniciais do ensino fundamental.

Procedimento metodológico

Este estudo investigativo, de abordagem qualitativa, foi realizado por meio da pesquisa bibliográfica e da pesquisa de campo.

A pesquisa qualitativa corresponde a questões muito particulares, ela se ocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode, ou não deveria ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes (MINAYO, 2012, p. 21).

Compreende-se por pesquisa bibliográfica a pesquisa que busca o saber teórico em periódicos e livros, para a análise do tema por meio de estudos aprofundados que permitam responder ao problema formulado para orientar esta investigação. Segundo Brito *et al* (2021), é uma modalidade adotada principalmente em trabalhos acadêmico-científico, uma vez que permite que o pesquisador tenha acesso a todos os conteúdos produzidos sobre determinado assunto.

Há também a produção de pesquisas científicas que se fundamentam exclusivamente na pesquisa bibliográfica, buscando nas obras teóricas já publicadas as informações necessárias para dar respostas aos problemas de estudo estabelecidos pela investigação (BRITO *et al*, 2021 p. 6).

Para alcançar o objetivo de compreender a importância da afetividade para o desenvolvimento cognitivo, optou-se também pela pesquisa de campo para averiguar a percepção que os pedagogos em formação possuem a respeito da importância da afetividade no processo ensino-aprendizagem.

Por ser um estudo que aborda a completude da atenção a afetividade sob a perspectiva de estudantes de pedagogia concluintes, tornou-se necessário a

utilização do estudo exploratório para compreender melhor a percepção que os futuros pedagogos têm da afetividade, bem como sua importância para o desenvolvimento integral da criança. Porém de acordo com o objetivo do estudo que visa compreender o ponto de vista desses futuros pedagogos, fez-se necessário utilizar também o estudo descritivo, pois “Esta modalidade de pesquisa consiste em “[...] descrever um fato ou fenômeno [...], realizando um levantamento das características conhecidas, componentes do fato/fenômeno/problema [...]” (SANTOS, 1999, p. 26).

A análise dos dados coletados, procurou seguir o método dialético, já que teve como objetivo principal dialogar com o objeto pesquisado, ou seja, estar submetido à capacidade de argumentar e contra argumentar assuntos que não podem ser demonstrados. Assim, este modelo de pesquisa permite compreender o sujeito enquanto ser histórico na produção de uma vida material, que estabelece relações com o mundo e consigo mesmo criando incoerências e causando conflitos nas relações que se tornam a base da organização de sua vida em sociedade.

Os sujeitos escolhidos para este estudo foram os alunos concluintes do curso de Pedagogia. Esse grupo foi escolhido com base na necessidade de compreender o conhecimento que os futuros pedagogos possuem sobre a afetividade e a sua importância na formação do aluno. Foram definidos 10 sujeitos para a entrevista, todos alunos concluintes do curso de Pedagogia. Este quantitativo corresponde a 10% dos alunos concluintes do curso, sendo 7 alunos do oitavo período e 3 alunos do sétimo período.

A coleta de dados de pesquisa é um processo que requer a apuração de informações para comprovação da problemática colocada em questão. Para que essa tarefa fosse concluída, foram desenvolvidas técnicas de averiguação e delimitação da amostra. Neste trabalho foi utilizada a entrevista como técnica de coleta de dados, pois esta modalidade é relevante para responder as questões norteadoras propostas no roteiro da entrevista, que foram: (1) O que é afetividade para você? (2) Qual a importância da afetividade na relação professor-aluno nos anos iniciais do ensino fundamental? (3) Para você existe alguma relação entre afetividade e aprendizagem escolar? Se existe, qual?

As informações foram coletadas no período de 27 de abril a 07 de maio de 2022, por meio de entrevistas parcialmente estruturadas, utilizando um roteiro que vai

caracterizar os sujeitos e definir as perguntas norteadoras. As entrevistas foram realizadas em uma universidade comunitária que oferece o curso de Pedagogia, e a participação do sujeitos entrevistados deu-se de forma anônima e sucessiva, conforme a disponibilidade do entrevistado.

Entende-se que esta é uma pesquisa com abordagem qualitativa, pois buscou responder a questões específicas e em um nível que não pode ser quantificado, além de estar intimamente ligada a características subjetivas inerentes ao ser humano, que não se limitam a variáveis numéricas, diz Teixeira (2015). Assim, após a pesquisa ser realizada, os resultados obtidos encontram-se nesta Monografia II que aqui se apresenta estruturada em três capítulos: O capítulo I – que traz uma análise conceitual da afetividade e da aprendizagem significativa; o capítulo II que explicita as implicações da afetividade na relação professor-aluno; o capítulo III que apresenta e analisa os dados coletados por meio de entrevistas com estudantes concluintes do curso de Pedagogia, evidenciando a percepção destes sujeitos sobre a importância da afetividade no desenvolvimento e na aprendizagem dos alunos dos anos iniciais do ensino fundamental.

1. A AFETIVIDADE E A APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

Diferentemente do que se pensa, afetividade não é a mesma coisa que carinho e amor, também não é sinônimo de emoção, embora esses conceitos estejam interligados. Grandes estudiosos já afirmaram que a afetividade é importante no processo evolutivo do indivíduo, mas é o educador francês Henri Wallon (1879-196) que se destaca nesta temática quando nos referimos a educação infantil e anos iniciais. Ao estudar a criança, ele não coloca a inteligência como o principal

componente do desenvolvimento, mas defende que a vida psíquica é formada por três dimensões - motora, afetiva e cognitiva -, que coexistem e atuam em conjunto.

Wallon divide o desenvolvimento da criança em cinco etapas que são: impulsivo-emocional; sensório-motor e projetivo; personalismo; categorial; e puberdade e adolescência. Ao longo desse processo, a afetividade e a inteligência se contrapõem e alternam entre si, estabelecendo um padrão de desenvolvimento. O autor mostra que a afetividade é expressa de três maneiras: por meio da emoção, do sentimento e da paixão. Essas manifestações se evidenciam durante toda a vida do sujeito, mas, assim como o pensamento infantil, elas vão se transformando com o passar do tempo e deixa de ser uma característica global para ser o diferencial do indivíduo.

A emoção, segundo o educador, é a primeira exteriorização da afetividade. Ela é de origem orgânica, ou seja, não é controlada pela razão. O sentimento, por sua vez, já tem um caráter mais cognitivo, ele representa a sensação que surge quando o sujeito consegue expressar algo que o afeta. Já a paixão tem como característica o autocontrole em função de um objetivo.

Wallon destaca que a afetividade é parte principal e relevante na construção do conhecimento e do sujeito. O desamparo biológico e cognitivo, em razão das precariedades da condição de maturidade orgânica presente nos primeiros anos de vida humana, torna a criança dependente dos adultos para sobreviver, exemplificando, é por esse motivo que o bebê chora quando precisa de cuidados. Esse choro modifica todo o ambiente e faz com que os adultos presentes voltem sua atenção para as necessidades do bebê, se não fosse assim, o bebê não sobreviveria devido sua extrema dependência a outro ser humano.

Tomando isso como base, Dantas (1992) explica a função biológica que origina traços característicos da expressão emocional, sua alta contagiosidade e o poder de impactar quem está a volta e, com isso, Wallon acredita que afetividade é fundamentalmente social, visto que é através dela que se origina o mais forte dos vínculos entre os sujeitos. A afetividade é parte integrante da vida dos indivíduos, pois, através dela, eles vão desenvolver suas próprias características e comportamentos para se relacionar com outras pessoas. As relações criadas no meio social

estabelecem os tipos de vínculos e ações que esse sujeito irá desenvolver em determinados meios.

A autora ainda ressalta a importância da afetividade para o desenvolvimento cognitivo do indivíduo no primeiro ano de vida, dizendo que o desenvolvimento afetivo é cultural, ou seja, é um comportamento que emerge da vida orgânica e, através do vínculo imediato, o sujeito absorve a cultura. Mas, por outro lado, ele não vai deixar de se desenvolver humanamente, fazendo com que a razão e a afetividade estejam relacionadas. Desse modo, podemos observar que o principal meio para o desenvolvimento humano e integral do sujeito é a partir de interações sociais como resultado da afetividade.

A autora continua sua análise dizendo que a teoria de Wallon é extremamente precisa e tem inspiração na teoria da Seleção Natural¹ de Charles Darwin, vista como um instrumento de sobrevivência, intimamente ligada a escassez da prole e a um longo período de dependência.

Em seu estudo acerca da “Teoria da Emoção” diz que:

Na psicogenética de Henri Wallon, a dimensão afetiva ocupa lugar central, tanto do ponto de vista da construção da pessoa quanto do conhecimento. Ambos se iniciam num período que ele denomina impulsivo-emocional e se estende ao longo do primeiro ano da vida. Nesse momento, a afetividade reduz-se praticamente às manifestações fisiológicas da emoção, que constitui, portanto, o ponto de partida do psiquismo (DANTAS, 1992, p. 86).

Para Wallon, diz Dantas, não é possível estudar afetividade sem considerar o fato de que, em sua origem, a conduta emocional depende de centros subcorticais, que inicialmente são ações involuntárias e incontroláveis, mas com a maturação cortical, torna-se suscetível de controle voluntário. Dependendo do nível de maturação, as ações podem ter resultados diferentes, como por exemplo, uma emoção descontrolada é resultado da atuação subcortical. Toda alteração emocional, corresponde uma flutuação tônica; modulação afetiva e modulação muscular acompanham-se estreitamente (DANTAS, 1992).

¹ Segundo Darwin, os organismos mais bem adaptados ao meio têm maiores chances de sobrevivência do que os menos adaptados, deixando um número maior de descendentes. Os organismos mais bem adaptados são, portanto, selecionados para aquele ambiente.

A análise Walloniana expõe três entradas para a região que se formam e reduzem as manifestações passionais; uma de natureza química, central; outra de tipo mecânico-muscular, periférica; e outra ainda de natureza abstrata, representacional. Aprofundando sua tese sobre o tônus, Wallon o utiliza como critério para classificar as emoções, sejam de natureza hipotônica; emoções capazes de reduzir o tônus, como a depressão ou o susto, ou de natureza hipertônica; que geram o tônus, como a ansiedade ou o medo constante. Na ação hipertônica, com a concentração, sem o escoamento do tônus, é percebida como uma ação extremamente penosa, assim o sujeito sente prazer quando se tem o fluxo tônico, quando ele se escoia imediatamente, como em situações de alegria e êxtase, explica Dantas (1992).

Sousa (2011) em seus estudos sobre a gênese da cognição explica que, para o teórico, essa iniciação se dá a partir das primeiras emoções, que estão diretamente ligadas aos aspectos orgânicos do desenvolvimento do indivíduo. A partir dessa linha, ela fala que Russab e Souza (2006) definem o desenvolvimento como a passagem do “eu orgânico” para o “eu psíquico”, através das primeiras emoções que é, em suma, um instrumento de interação.

Em obra clássica sobre o desenvolvimento psicológico (WALLON, 1941) o autor apresenta o que considera como a sequência do desenvolvimento quanto à construção da pessoa a partir da ideia do papel estruturador das primeiras emoções em relação à cognição, para depois descrever “o desenvolvimento como um movimento de alternância de predominâncias, ora afetiva ora cognitiva, culminando com uma preponderância cognitiva” (SOUSA, 2011 p. 250). Para Wallon, inicialmente, a afetividade pode criar operações cognitivas que permitirão a construção do conhecimento, de uma forma que auxilie o desenvolvimento integral do sujeito

Gratiot-Alfandéry (2010), em seus estudos, destaca que para Wallon, as emoções presentes nos primeiros anos de vida da criança são exteriorizações da afetividade. O bebê se expressa através do choro, seja quando está com uma dor ocasionada por espasmos musculares, quando está com fome ou quando sente falta da mãe, assim como também se expressa através do riso quando busca aliviar as tensões musculares através de sacudidas ocasionadas pela gargalhada, ou quando quer realizar as expectativas dos adultos a sua volta, que procuram por um sorriso. Mesmo que seja baseado em atos motores, desordenados e involuntários, essas

expressões continuam sendo a exteriorização de emoções que nada mais são, do que resultado da afetividade.

A autora considera inevitável que as influências afetivas que perpassam a criança desde o seu nascimento, tenham um impacto direto e determinante sobre evolução mental do sujeito. As emoções como fruto da afetividade, são reações involuntárias e espontâneas, inicialmente como estímulo muscular e reações momentâneas, ela passa pelo processo de associação e internalização social e cultural, até chegar a ser a exteriorização da afetividade. Desse modo o social se funde ao orgânico.

Segundo Seára e Santos (2020) as relações sociais são fundamentais para desencadear os vínculos afetivos do indivíduo, que são capazes de despertar características e condutas únicas a cada pessoa, tornando-a assim, um sujeito singular.

O processo de desenvolvimento humano ocorre de forma integral envolvendo os aspectos físicos, emocionais e sociais. O contexto em que se dá o desenvolvimento humano configura-se então em tipos particulares de interações entre o indivíduo e seu ambiente. Nessas interações devem ser consideradas a dimensão física do espaço, as pessoas do convívio social próximo, a linguagem e os conhecimentos (SEÁRA E SANTOS, 2020, p. 2).

As autoras afirmam que a afetividade como domínio das emoções, dos sentimentos e principalmente das experiências sensíveis, são capacidades desenvolvidas pelos indivíduos através das vivências sociais. A aprendizagem ligada ao campo da afetividade, leva o sujeito ao interesse, melhorando os resultados da aprendizagem, por isso faz-se necessário destacar a afetividade relacionada a razão.

A afetividade não é um sentimento ou uma emoção, a afetividade vai além disso, é o aspecto central de constituição do sujeito e a principal forma com que ele se relaciona com o mundo. É a forma que a criança, em seus primeiros meses de vida, encontra para se comunicar com os sujeitos a sua volta e leva isso consigo no decorrer da sua vida.

O afeto é o domínio das emoções intrínsecas ao sujeito e é fundamental nas relações humanas. É uma parte importante quando falamos do desenvolvimento maturacional e cognitivo do indivíduo, pois é através dela que ele desenvolve as relações sociais e constrói sua interação com o meio, que vai levá-lo a se desenvolver subjetivamente a partir de uma relação de correspondência com o meio.

Quando ligada a relações afetivas, a aprendizagem se torna mais prazerosa, importante e completa para a composição totalitária do sujeito, dessa forma, é importante que, ainda na infância, o campo da afetividade seja plenamente explorado e abarcado na interação entre sujeito e mundo, principalmente nas relações escolares.

De acordo com autores da corrente interacionista, como Piaget, Vygotsky e Wallon, “O desenvolvimento é uma ‘encruzilhada de influências’, nas quais estão presentes dois tipos de fatores” os fatores internos (hereditariedade e maturação) e os fatores externos (ambiente) (MACÊDO, 2006). Desde o nascimento, o indivíduo apresenta traços que o individualiza e esse processo pode ser acentuado por suas experiências que possibilitam sua socialização, sendo assim, podemos compreender o Desenvolvimento Humano como um processo de individualização contínua baseado em múltiplas interferências e que levam o indivíduo a um crescente aprendizado.

Macêdo (2006) *apud* Davis (1994), diz que o desenvolvimento humano é um “[...] o processo pelo qual o indivíduo constrói ativamente, nas relações que estabelece com o ambiente físico e social, suas características” (DAVIS, 1994. p. 19), por isso deve ser entendido como um processo que envolve o ser humano em sua totalidade e em seus aspectos psicológicos e biológicos, sejam eles afetivo-emocional, físico-motor, intelectual, sexual e social. Esses aspectos são indissociáveis e acontecem por etapas e fases que não acontecem de forma cronológica, pois após a execução da primeira, que tem nove meses de duração, as outras podem acontecer, ou não, de formas variadas com influência social e cultural.

É possível afirmar que desde o nascimento o indivíduo apresenta traços que, de certo modo, já o individualizam (MACÊDO, 2006). Através das interações e das experiências vivenciadas pelos indivíduos, que é um processo gradativo, eles se individualizam cada vez mais, à medida que eles vão se distanciando do ponto de partida. Sendo assim, entendemos o desenvolvimento como o processo que conduz

o ser humano a uma crescente individualização, resultante de muitas interações, que leva o indivíduo a um crescente aprendizado, diz Macêdo (2006).

Macêdo diz ainda, que o interacionismo, corrente da qual Wallon é adepto, trabalha em cima da afirmação de que o organismo e o meio exercem ação recíproca um sobre o outro, de modo que nessa complexa combinação de fatores ocorra o desenvolvimento humano. Aqui nessa abordagem veremos as contribuições dos processos hereditários, maturacionais e bioquímicos do meio e da aprendizagem.

Nessa concepção o homem não nasce pronto e nem recebe passivamente as interferências do meio, na verdade ele é visto como um ser de possibilidades, que se constrói através de um processo interativo com o meio ao que está inserido. Então ele afeta o objeto e é afetado reciprocamente no processo de construção da sua própria identidade, diz Macêdo (2006).

Macêdo conjectura que Henri Wallon, concebe o desenvolvimento como um sistema de relações consideráveis entre o ser e o meio. Significando que biológico e o social são elementos indissociáveis. Esclarece citando Wallon;

Na realidade, nunca pude dissociar o biológico do social, não porque os jugue redutíveis um ao outro, mas porque me parecem no homem tão estreitamente complementares desde o seu nascimento, que é impossível encarar a vida psíquica sem ser sob a forma de suas relações recíprocas (WALLON, 1995, p. 14, grifos do autor *apud* MACÊDO, 2006, p. 97).

A autora prossegue descrevendo que o organismo e o meio constituem polos de uma mesma unidade quando se trata do processo de desenvolvimento e constituição humana, assim para Wallon, a criança é um ser “geneticamente social”, pois interage socialmente desde seu nascimento. Dessa forma o sujeito se encontra em uma movimentação permanente marcada por contradições e conflitos, resultantes da maturação biológica. Esse processo é denominado por Wallon de desenvolvimento.

O desenvolvimento é compreendido pelo teórico como um processo que se encontra permanentemente aberto, que permite a relação recíproca entre os fatores orgânicos e fatores socioculturais. Desse modo, o interacionismo sugere a importância dessas interações no ambiente escolar, visto que essa relação entre professor e aluno-aluno se torna uma condição necessária para a aprendizagem. O aluno é um ser único e ativo em seu processo de aprendizagem, mas necessita de intervenções

pedagógicas com alguém mais experiente para que seu processo de aprendizagem seja apropriado.

A teoria psicogenética do desenvolvimento da personalidade de Henri Wallon integra afetividade e inteligência, evidenciando que é uma dinâmica marcada por encontros, rupturas e sobreposições que acontecem mediante “alternâncias funcionais”, um mecanismo orgânico, que marca o fim e o início dos chamados “Estágios do Desenvolvimento” elucidados por Henri Wallon e Jean Piaget, diz Gratiot-Alfandéry (2010).

A autora segue dizendo que, segundo Wallon, novas etapas no desenvolvimento resultam na incorporação das condições anteriores, resignificando e as ampliando, passando assim, por todos os quatro estágios do desenvolvimento segundo Wallon, que são:

Estágio 1: Impulsivo (0 a 3 meses)

Emocional (3 meses a um ano)

O estágio 1 é marcado pela predominância da afetividade, pois é por meio dela que a criança estabelece suas primeiras relações com o ambiente e com os sujeitos.

Estágio 2: Sensório-motor (12 a 18 meses)

Projetivo (3 anos)

Nesse estágio o que predomina são as relações exteriores e da inteligência, facilitando a aprendizagem da criança através da imitação.

Estágio 3: Personalismo (3 a 6 anos)

Crise de Oposição (3 a 4 anos)

Idade da Graça (4 a 5 anos)

Imitação: (5 a 6 anos)

Nesse período, que permanece até os 6 anos, há o retorno do predomínio da afetividade, pois se forma a personalidade e autoconsciência da criança, muitas vezes

interferindo diretamente de forma negativa na relação que a criança estabelece com o adulto.

Estágio 4: Categorical (6 a 11 anos)

Mais uma vez temos a predominância das relações exteriores e da inteligência, que se estende até os 11 anos de vida, onde a criança passa a pensar conceitualmente, desenvolvendo o pensamento abstrato e raciocínio simbólico, favorecendo funções como a memória voluntária, atenção e raciocínio associativo.

Estágio 5: Adolescência (a partir dos 11 anos)

As mudanças físicas e psicológicas que ocorrem durante a adolescência enfatizam a natureza adolescente desta fase. Conflitos internos e externos fazem o indivíduo voltar-se a si mesmo, para autoafirmar-se e poder lidar com a transformação de sua sexualidade.

Sendo assim, o desenvolvimento pensado dialeticamente, alterna os momentos das etapas centrípetas (introspecção) e etapas centrífugas (extroversão), estabelecendo um movimento contínuo de interação e ampliação de cada etapa.

As etapas centrípetas, presentes nos estágios do 'emocional', do 'personalismo' e da 'adolescência' são preponderantemente afetivas e "voltadas para a assimilação, a elaboração íntima, a edificação do sujeito e de sua relação com o outro". Por outro lado, as etapas centrífugas, caracterizadas nos estágios os do 'impulsivo', do 'sensório-motor' e do 'categorical' são predominantemente dominantemente intelectuais e "voltadas para a diferenciação, o gasto, a reação ao meio, o estabelecimento de relações com o objeto externo" (Galley, *op. cit.*, p. xxxviii *apud* Gratiot-Alfandéry, 2010, p. 290-291).

As funções motoras são igualmente relevantes, pois vão além da execução de ações desencadeadas pelos reflexos do sujeito, ela é a expressão da afetividade ocasionada por meios de gestos, expressões faciais e também agitação corporal. Dessa forma, através de funções simbólicas o indivíduo internaliza o ato motor, ou seja, quanto mais a criança internalizar os símbolos culturais e desenvolver aspectos cognitivos, mais o gesto motor deixa de ser desordenado e passa a ser refinado, ganhando qualidade e autonomia motora. Quanto mais a criança se expressar através de palavras, menos serão necessárias atividades motoras desordenadas, diz Gratiot-Alfandéry (2010).

Para Wallon, o desenvolvimento só é possível quando há a integração das três dimensões psíquicas: a motora, a afetiva e a cognitiva, que exige uma conexão entre o corpo (orgânico) e o meio em que se vive. Dessa forma, entendemos que a afetividade está presente em todos os estágios, já que para o estudioso, é um elemento indispensável para o desenvolvimento. Professores e alunos, são afetados no processo formativo, em que o desenvolvimento cognitivo está intimamente relacionado à ampliação dos afetos e da capacidade de expressar sentimentos. Assim podemos afirmar, que é possível aprender sentindo, através das relações estabelecidas socialmente e no ambiente escolar.

A Aprendizagem significativa ocorre por meio de vários processos, que vão se construindo através da coleta de dados, que se constituem através da relação professor-aluno, então é necessário que a aprendizagem seja entendida através de um processo de modificação do conhecimento. Para que a aprendizagem significativa aconteça de forma efetiva, é preciso que existam duas condições: disposição para aprender e conteúdo relevante, mas para que aconteça da melhor forma possível, é necessário desconstruir o olhar adultocêntrico, pois em muitas situações adotamos uma postura equivocada ao que a criança demonstra.

Julga-se necessário refletirmos sobre nossa prática de ensino, no qual deixamos de lado o contexto, a realidade e trabalhamos de forma desconectada das experiências dos mesmos, tornando assim a aprendizagem sem significado, e propiciando ao aluno o abandono, desmotivação e rebeldia que se manifestam, entre outras coisas, na agressividade e em sua indisciplina (KLAUSEN, 2019)

A partir disso, fica entendido que a aprendizagem se caracteriza globalmente como a assimilação e associação de uma rede de conhecimentos, inicialmente distintos, os conteúdos conceituais e os conteúdos sociais, agora intimamente relacionados e organizados em áreas de conhecimento.

2. AS IMPLICAÇÕES DA AFETIVIDADE NA RELAÇÃO PROFESSOR-ALUNO

Henri Wallon afirma que para que a criança se desenvolva, é necessário estar em um ambiente de relações sociais e a escola é o local no qual a criança vai para aprender e para se relacionar. O primeiro contato da criança ao chegar na escola na Educação Infantil é com a professora, que é o reflexo da figura materna nesse ambiente. Através da confiança e do relacionamento construído com a professora, a criança se sente mais à vontade para se relacionar com seus colegas e essa relação acaba perdurando nos anos iniciais e refletindo na educação desses sujeitos.

Seára e Santos (2020) dizem que nos momentos iniciais na escola, é importante que os professores estimulem nas crianças o afeto, que vai levá-las a desenvolver interesse pelo ambiente e pelas outras crianças, facilitando a inserção da criança no ambiente escolar e sua aprendizagem durante o período que ela estiver na escola. Para que esse estímulo afetivo seja um sucesso, é preciso que haja um ambiente propício ao acolhimento dos sujeitos, para que seja o lugar onde a criança encontre apoio e confiança para alcançar o desenvolvimento completo.

Através de uma relação afetiva, o professor deve manter um diálogo aberto com o aluno, para que quando comecem a existir dificuldades, possam ser claramente identificadas e resolvidas, além de ser extremamente necessária para a formação

social do aluno. Citando Cunha (2016), Seára e Santos (2020), afirmam que o educador é o protagonista na cena da vida, no cotidiano escolar dos alunos, isso mostra que os professores são o foco das atenções dos alunos, eles observam atentamente a postura, caminhada, estilo, personalidade e isso pode gerar reações positivas ou opostas, tornando-se difícil ou mais simples promover sua aprendizagem, sendo certo que o comportamento é um traço distintivo da vida dos professores.

Apenas entender o aluno não é a solução, é preciso ter paciência para atingir a aprendizagem individual de cada aluno, que ocorre de forma individual em todas as fases do seu desenvolvimento e o docente vai conseguir alcançar esse ponto quando passar a trabalhar com a sensibilidade afetiva.

Percebe-se então, que é o educador que prepara o educando, para o futuro, por meio da interação e socialização afetiva que estão contidas na realização de atividades, como por exemplo, ao estimular os alunos a buscarem suas próprias verdades e construir sua visão de mundo (SEÁRA E SANTOS, 2020 p. 6).

É preciso que o educador se mantenha sereno durante as aulas, para não passar para o aluno sentimentos de dor, tristeza ou dificuldades que vem vivenciando em sua vida pessoal, uma vez que o aluno vê o professor como um exemplo ético e pessoal, assim como veem os pais.

Seára e Santos (2020) seguem dizendo que é necessário manter o senso de justiça e igualdade na sala de aula porque os alunos precisam se sentir necessários, protegidos, amados e valorizados para eliminar comparações que reduzem o potencial dos alunos e os fazem sentir-se inferiores, incompetentes ou subestimados. O diálogo entre o aluno e o educador é muito importante, para que se estabeleça a relação afetiva e se compreenda a real situação da outra parte.

Ao pensar a aprendizagem, subentende-se que a relação existente entre a afetividade e a aprendizagem são essenciais para que a criança aprenda. A relação afetiva construída entre professor e aluno vai muito além do âmbito das emoções e deve ser pensada como uma ponte que vai auxiliar o professor a se comprometer integralmente aos seus alunos. O educador precisa demonstrar respeito para com os educandos, deixando de lado todo o preconceito de qualquer natureza que possa vir a existir em algum momento.

É verdade que um professor com uma formação crítica adequada poderia ter um melhor desempenho nas suas práticas pedagógicas, mas em decorrência do sucateamento da educação em seus mais diversos aspectos, ainda existem professores que veem as crianças como sujeitos incapazes que não possuem comprometimento e nenhum empenho para cumprir as atividades escolares. No entanto, para que a criança entenda e execute isto, é preciso que ela esteja inserida em um contexto envolvente voltado para a relação escola, professor, família, aluno. Deve-se ter em mente, que é preciso usar toda a energia que a criança apresenta em determinada atividade, para que ela possa se manter empenhada, motivada e ativa para desempenhar outros processos de aprendizagem.

[...] as relações de mediação feitas pelo professor, durante as atividades pedagógicas, devem ser sempre permeadas por sentimentos de acolhida, simpatia, respeito e apreciação, além de compreensão, aceitação e valorização do outro; tais sentimentos não só marcam a relação do aluno com o objeto de conhecimento, como também afetam a sua autoimagem, favorecendo a autonomia e fortalecendo a confiança em suas capacidades e decisões. (COSTA, 2017, p. 11 *apud* LEITE E TASSONI, P.20)

A escola é responsável por preparar um ambiente adequado e recursos para que o professor ofereça um ensino de qualidade e propício para a criança aprender e internalizar os conteúdos expostos. Pensando nisso, a escola, como instituição formadora, também tem um papel importante na formação global do sujeito. Precisamos levar em consideração, que a Escola é responsável por fornecer aos alunos um local adequado e digno para sua formação.

Dessa forma, Ramos *et al*, afirma que

A escola, enquanto instituição construída socialmente para realizar a formação humana nas diferentes temporalidades de vida, se tornou, no movimento histórico, dever do Estado e direito do cidadão. Sendo, portanto, inquestionável o reconhecimento da sua necessidade na (con)formação social, emerge a questão: qual a sua função social essencial? (RAMOS *et al*, 2017, p. 1)

Diante de tantos avanços que estamos vivenciando em um mundo globalizado, a escola tem sido convocada a abordar questões sociais, como problemas sociais,

religiosos, políticos, ambientais, econômicos, entre outros. Tais demandas têm levado a deterioração da imagem destas instituições como educativas, pontua Ramos (2017).

Historicamente falando, inicialmente a escola foi concebida com o único objetivo de atender as pessoas que dispunham de tempo extra, ensinando-as a formação clássica, passando a ser um lugar de saber fazer. Com o passar das décadas, a escola foi sendo adaptada ao que era necessário naquele determinado momento histórico. Na Idade Média, por exemplo, foi utilizada como um meio de propulsão do capitalismo, tendo como ênfase também, o uso por parte da igreja após a reforma protestante para o incentivo à leitura das Sagradas Escrituras. Já na Idade Moderna, fez-se necessário o saber ler e escrever em decorrência das necessidades sociais voltadas para o sistema capitalista. E é nesse meio-tempo que o Brasil é “descoberto”.

A organização escolar no Brasil teve início com a chegada dos portugueses, que traziam consigo os padres jesuítas, que foram orientados a “alfabetizarem” os índios, para que pudessem se comunicar. Já durante a Primeira República (1889 – 1930) se destacaram duas vertentes educacionais, sendo elas: o *entusiasmo pela educação*, que pretendia alfabetizar todo o povo e o *otimismo pedagógico*, que tinha como principal objetivo a melhoria das condições escolares.

Entre 1930 e 1937, o Brasil viveu um dos momentos políticos mais radicais, em que conviveram diferentes pensamentos sobre a educação brasileira. Os liberais⁷ eram o grupo dos intelectuais da Pedagogia Nova. Em oposição direta a estes, existiam, entre outros grupos, os católicos defensores da Pedagogia Tradicional. No centro da disputa, situava-se o governo que implementou políticas educacionais conciliadoras. Portanto, a Constituição de 1934 refletiu o clima de debates da época tendo sido considerada progressista em matéria educacional (RAMOS *et al*, 2017, p. 3).

A Carta Magna de 1937, imposta pelo Estado Novo, não considera a educação básica um direito público e volta sua atenção para as necessidades do sistema capitalista, que exigiam dos trabalhadores um conhecimento técnico para a operação de serviços específicos. Fica também constatado um “dualismo educacional, estabelecido pela Carta Magna de 1937, ou seja, a elite recebe o ensino público e as classes populares recebem o ensino profissionalizante” (RAMOS *et al*, 2017, p. 3).

Com o golpe de 64, o Brasil passou a viver sob uma forte ditadura militar e, como consequência, aconteceram fortes mudanças no ensino instituídas pela Lei N°

5692/71, que beneficiaram apenas o sistema. Mudanças essas que foram pensadas apenas para aumentar a produtividade e a eficiência. Porém, 16 anos depois, com a redemocratização do país e a eleição da Assembleia Nacional Constituinte, muitos profissionais da educação voltaram suas preocupações para a necessidade de democratização do ensino público, mas o projeto implementado não contemplava as necessidades dos filhos de pais da classe trabalhadora, desfavorecendo assim a permanência dessa classe no ensino básico.

Com o advento da Lei de Diretrizes e Bases, nº. 9394/96, surge então novas propostas reafirmadas a partir do princípio do direito à educação, pois a educação deve vincular-se ao mundo do trabalho e à prática social. (art. 1º §2º) e em seu artigo 2º, A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (RAMOS *et al*, 2017, p. 3).

Ramos segue dizendo que, a ação educativa tem por finalidade a humanização do homem. Esta se dá através da identificação de elementos culturais que vieram sendo acumulados historicamente ao longo dos anos. Cabe a escola observar quais desses conhecimentos são indispensáveis para serem transmitidos aos alunos, é função da escola entender como encontrar formas adequadas de aplicar tais conhecimentos, e principalmente relacionados aos fatores externos que vierem aparecendo durante o processo formativo.

Sendo responsável pela aprendizagem, cabe a escola propiciar a todos que a ela tiverem acesso, os instrumentos necessários à aquisição do saber sistematizado, pois é a apropriação desse saber, da ciência, o que justifica sua existência. A observação, a experiência, a opinião, devem ser devidamente valorizadas, pois é através delas que se constrói a ciência. É pela mediação da escola que o saber espontâneo passa ao saber sistematizado (RAMOS *et al*, 2017, p. 4).

A escola deve levar em consideração o saber espontâneo do aluno, saber que ele traz de suas vivências particulares, mas é preciso que esses conhecimentos sejam selecionados, de forma que sejam ampliados apenas os saberes pertinentes a sua formação intelectual. É fundamental que a escola se concentre nos conteúdos voltados para as áreas de conhecimentos, como, a leitura, escrita, matemática, ciências naturais, geografia e história, mas que esses conhecimentos estejam articulados a realidade de cada indivíduo.

Faz-se necessário que a função pedagógica, voltada para o saber sistematizado, permita o professor selecionar criticamente conteúdos que contribuam para a formação do sujeito e que a escola forneça subsídios para essa ação, para que no futuro essas crianças estejam conscientes dos seus direitos e deveres perante a sociedade e, dessa forma, sejam capazes de contribuir de forma significativa para a sociedade.

Em seu livro *Pedagogia da Autonomia*, Paulo Freire aborda aspectos importantes do posicionamento que um pedagogo precisa adotar, para que seja um professor e não apenas transmissor de conhecimento ou um reproduzidor de falas impostas socialmente sobre as crianças, mas que seja capaz de as ensinar a pensar criticamente e não somente a reproduzir o que é dito em sala. Que seja um profissional disposto a apresentar os meios para que as crianças decidam a forma que irão internalizar tais saberes.

Ele começa ressaltando a importância de alinhar aspectos de uma prática pedagógica progressista, enquanto o futuro professor ainda está sendo formado a prática docente. Enfatiza que;

É preciso, sobretudo, e aí já vai um destes saberes indispensáveis, que o formando, desde o princípio mesmo de sua experiência formadora, assumindo-se como sujeito também da produção do saber, se convença definitivamente de que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção. (FREIRE, 2017, p. 24).

Freire afirma que é fundamental entender que quem ensina também aprende e quem aprende também ensina. Uma prática pedagógica de qualidade, é voltada não apenas para a transmissão, mas sim para o compartilhamento de saberes entre os sujeitos.

Para que a criança esteja aberta a aprender e trocar conhecimentos com o professor e seus colegas, é preciso que ela confie que é um ambiente seguro. Dessa forma, “quanto mais criticamente se exerça a capacidade de aprender, tanto mais se

desenvolve e se constrói o que venho chamando de “curiosidade epistemológica², sem a qual não alcançamos o conhecimento cabal do objeto”. (FREIRE, 2017, p. 28).

Para Freire, é isto que leva os profissionais da pedagogia a se oporem a educação bancária, mas através disso também entendem que o educando, apesar de submetido a ela, não está fadado a perecer no sistema. Por isso, é importante que o professor ensine ao aluno que existem outras formas de lidar com aquilo que é imposto sob ele.

O educador é responsável por ensinar o aluno a pensar certo, pois o professor que pensa certo, deixa transparecer aos educandos, que uma das belezas da vida, é que como seres históricos e sociais, estar no mundo nos permite sermos agentes de transformação, intervindo, conhecendo e modificando a realidade em que estamos, diz Paulo Freire.

Ensinar, aprender e pesquisar lidam com esses dois momentos do ciclo gnosiológico: o em que se ensina e se aprende o conhecimento já existente e o em que se trabalha a produção do conhecimento ainda não existente. A "do-discência" – docência-discência – e a pesquisa, indicotomizáveis, são assim práticas requeridas por estes momentos do ciclo gnosiológico (FREIRE, 2017, p. 30).

Dessa forma, pensar certo, coloca o professor e a escola no dever de respeitar e acolher as diferenças e os saberes socialmente construídos que os educandos trazem consigo e aproveitar tais vivências para que as crianças tenham uma aprendizagem relevante a sua realidade. É mais importante discutir com os alunos uma realidade concreta, baseado em suas vivências, do que impor um conteúdo abstrato, escolhido e estipulado de maneira geral por um grupo.

Através destas propostas de ensino, o professor ensina os alunos aguçarem sua curiosidade ingênua, que inicialmente “desarmada”, está associada ao senso comum, mas que através do exercício do ensino crítico e da prática educativa voltada para despertar a curiosidade desses alunos, eles irão desenvolver a curiosidade epistemológica, que contribuirá para a aprendizagem em sua completude, afirma Freire.

² Para Paulo Freire, a curiosidade epistemológica é aquela que move a busca para se compreender as origens do conhecimento.

Nenhuma formação docente verdadeira pode fazer-se alheada, de um lado, do exercício da criticidade que implica a promoção da curiosidade ingênua à curiosidade epistemológica, e do outro, sem o reconhecimento do valor das emoções, da sensibilidade, da afetividade, da intuição ou adivinhação. Conhecer não é, de fato, adivinhar, mas tem algo que ver, de vez em quando, com adivinhar, com intuir. O importante, não resta dúvida, é não pararmos satisfeitos ao nível das intuições, mas submetê-las à análise metodicamente rigorosa de nossa curiosidade epistemológica* privadas ou públicas. Programa que poderia chamar-se mudar é difícil, mas é possível. No fundo, um dos saberes fundamentais à prática educativa. *Não é possível também formação docente indiferente à boniteza e à decência que estar no mundo, com o mundo e com os outros, substantivamente, exige de nós. Não há prática docente verdadeira que não seja ela mesma um ensaio estético e ético, permita-se-me a repetição (FREIRE, 2017, p. 45-46).

Na atualidade, a afetividade é tida como o ponto chave nas relações produtivas entre o professor e o aluno, quando o aluno se sente motivado, seu comportamento muda positivamente, e sua disposição em aprender tende a aumentar cada vez mais, o levando a ter uma aprendizagem mais adequada, de tal forma que o aluno acaba tendo um favoritismo por algumas disciplinas e passa a gostar mais de determinados professores que o faz aprender com alegria e entusiasmo o conteúdo da sua disciplina, correlacionado aos conhecimentos prévios que os alunos trazem consigo.

Costa (2017) diz que o professor deve se mostrar um mediador que tem como principal interesse, usar como motivação toda a afetividade que o levou a exercer a função social de educar e, a partir daquilo que ele acredita, através da construção do saber, optar por buscar e criar meios para que não fique nenhum de seus alunos sem o cuidado essencial que os levará ao desenvolvimento das suas várias aptidões.

A autora diz que há a possibilidade de aprendizagem diante de como o aluno se sente, da atitude, comportamento do professor e da escola, de seus colegas, do contexto que estiver inserido (COSTA, 2017). Na vida afetiva, os sentimentos vão se construindo com base nas relações que os sujeitos criam e estabelecem entre si. Essas relações transmitem para o indivíduo a ideia de quem são e permeiam a qualidade dessas relações, possibilitando a contextualização de tais conhecimentos na sala de aula, para ser utilizado como instrumento de aprendizagem.

Neste sentido, segundo Costa, Wallon atesta que:

O eu e o outro constituem-se, então, simultaneamente, a partir, de um processo gradual de diferenciação, oposição e complementaridade recíproca. Compreendidos como um par antagônico, complementam-se pela a própria oposição. De fato, o Outro faz-se atribuir tanta realidade íntima pela consciência como o Eu, e o Eu não parece comportar menos aparências externas que o Outro (COSTA, 2017, p. 8 *apud* WALLON, 1975, p.159)

A relação do eu com o outro vai determinar o tipo de personalidade que o indivíduo vai desenvolver e qual a forma que ele irá interagir com o mundo. A partir disso, o clima emocional, a forma que ele vai se auto orientar em variadas atividades é determinada pela relação e o clima que ele estabelece entre si e o mundo e, a partir daí ele constrói o seu campo afetivo. Então o sujeito terá medo de se empenhar na sala de aula ou em qualquer outra situação social, será mais ou menos impulsivo e, desta forma esse comportamento irá definir a forma com que esse sujeito irá se relacionar com o mundo.

É necessário que haja formação continuada voltada para o campo da afetividade, para que os profissionais da educação entendam que a afetividade está intimamente ligada ao desenvolvimento humano e também é responsável pela aprendizagem. Então, a partir disto, é relevante entender que é por meio das relações que a criança estabelece com o sujeito e com o meio, que ela irá ampliar o seu repertório de conhecimento, experiências e sensações, ressalta Costa.

Os fenômenos afetivos estão intimamente ligados com a qualidade das interações entre sujeitos e suas vivências, o que confere aos objetos culturais um sentido afetivo. Desta forma as conquistas do campo afetivo são utilizadas no campo cognitivo e o contrário também ocorre como em um entrelaçamento entre os dois. As conquistas intelectuais são incorporadas a afetividade, dando-lhe um caráter eminentemente cognitivo. Quando são interligadas, afetividade e inteligência levam a criança a um nível de evolução muito elevado (COSTA, 2017, p. 9)

A presença da afetividade inerente as interações sociais e os processos de desenvolvimento cognitivo, também estão presentes no contexto escolar, permeado pela afetividade em sua totalidade, sendo utilizada para definir as interações sociais e os avanços no campo da afetividade. Assim, Costa (2017), segue alegando que a visão que o aluno constrói do professor é de natureza afetiva e essa relação tem influência direta na aprendizagem e na relação que o aluno constrói com o objeto do conhecimento. As relações afetivas têm impacto na interação entre pessoas e também na relação que o indivíduo vai construir com o ensino-aprendizagem, ficando

impossível desassociar as origens afetivas, mesmo nos momentos de transmissão e produção do conhecimento.

O campo afetivo e a afetividade se constroem e são decorrentes das relações que uma criança estabelece. Essas relações se constroem e deixam sinais afetivos que são os sentimentos, que vão se mover, agir e interagir no mundo de forma positiva ou negativa. Quanto melhor for a relação, o que não se deve ser confundido com não corrigir e não dar limites, mas sim o clima educacional que isso ocorre poderá promover a aprendizagem ou não (COSTA, 2017, p. 11)

A autora segue falando que uma criança pode ser preparada para construir o campo afetivo favorável a aprendizagem, se o educador tiver a exata compreensão sobre o atual estado desse sujeito para que ele siga avançando em conhecimento.

Pequenos gestos de afetividade dos professores para com os alunos, podem perdurar na vida do aluno significativamente por longos anos, influenciando de forma ativa seus posicionamentos acerca de determinados assuntos. Desta forma, faz-se necessário que o professor entenda que ele vai muito além de um transmissor de saberes, mas passa a ser um exemplo de vida para as crianças que se relacionam com ele.

3. A AFETIVIDADE NA PERSPECTIVA DO ESTUDANTE DE PEDAGOGIA

Neste capítulo estão apresentados os dados da pesquisa de campo, realizada por meio de entrevistas com estudantes concluintes do curso de Pedagogia. Os resultados foram analisados a partir do momento que atingiram a quantidade significativa estabelecida pela pesquisadora. Sua organização se deu através da gravação da entrevista, anotações e conseqüentemente a transcrição das entrevistas para este documento (vide apêndice 1).

3.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

Foram entrevistados 10 estudantes do curso de pedagogia, sendo 7 alunos do oitavo período e 3 do sétimo período. Entre os entrevistados, percebe-se que 90% são do sexo feminino e apenas 40% já tiveram a experiência em sala de aula.

Tabela 1 – Dados sociobiograficos dos estudantes entrevistados

Código	Período que cursa	Sexo	Leciona
E ₁	8	Feminino	Não
E ₂	8	Feminino	Não
E ₃	8	Feminino	Sim
E ₄	8	Masculino	Não
E ₅	7	Feminino	Não

E ₆	7	Feminino	Não
E ₇	7	Feminino	Não
E ₈	8	Feminino	Sim
E ₉	8	Feminino	Sim
E ₁₀	8	Feminino	Sim

Fonte: Dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos

3.2 Dados analisados

Os dados coletados foram lidos, estudados e organizados a partir dos enunciados, originando três categorias: o que os futuros docentes entendem por afetividade; de que forma a afetividade é relevante ao desenvolvimento dos sujeitos e qual a importância dela na relação professor-aluno e na aprendizagem.

Tabela 2 – depoimentos sobre a pergunta “O que é afetividade”?

DEPOIMENTOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
<i>E₁: “Afetividade, é o conceito que está relacionado ao sentido, emoção, paixão, amor e etc.”</i>
<i>E₂: “É a expressão de algum tipo de sentimento que a gente tem.”</i>
<i>E₃: “A afetividade é tudo que afeta o ser humano de maneira positiva ou negativa”</i>
<i>E₄: “Afetividade nada mais é que um sentimento de querer bem, de cuidado de carinho, de se importar”</i>
<i>E₅: “Para mim, a afetividade perpassa a experiência dos diversos sentimentos, emoções, tendências, tanto em relação ao outro, como consigo mesmo. Está intrinsecamente vinculado a receptividade, assimilação, cognição, ações e reações do ser humano. Creio que Wallon, Piaget e Vygotsky retratam a importância e o significado melhor, não só para o processo do ensino-aprendizagem, mas sobretudo para desenvolvimento integral do ser humano.”</i>

E₆: “Demonstração de sentimentos a outro ser, sejam eles bons ou ruins”

E₇: “Afetividade o próprio nome já fala, é a afeição, é dar carinho.”

E₈: “Afetividade é ter uma conexão afetiva/emocional com o outro”

E₉: “Afetividade é o carinho, o amor, a conexão emocional, o comprometimento, o cuidado. Mas não é por qualquer pessoa que se sente afeto, essa falta pode ser ocasionada pela falta de contato. “

E₁₀: “A afetividade é a conexão que o indivíduo estabelece com outro indivíduo. “

Fonte: Dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos

Com base nos dados coletados referentes a pergunta “O que é afetividade”, podemos notar que todos os entrevistados possuem uma noção básica e geral do que é afetividade, mas iremos destacar neste momento a fala do sujeito E₅ que diz: *“Para mim, a afetividade perpassa a experiência dos diversos sentimentos, emoções, tendências, tanto em relação ao outro, como consigo mesmo.”*

Quando o entrevistado diz “a afetividade perpassa a experiência dos diversos sentimentos “, podemos perceber que esse sujeito entrevistado tem uma percepção melhor do que os outros acerca da afetividade e conforme o que foi discorrido durante esse trabalho, esse estudante de Pedagogia tem um ponto de vista estruturado epistemologicamente. Em contraponto, observemos os entrevistados E₁, E₂ e E₇. Esses indivíduos possuem uma noção mais abstrata do que é afetividade e embora tenham uma noção básica de que o afeto envolve sentimentos, eles entendem que fica apenas no campo das emoções e não perpassa toda a vida do sujeito.

Wallon vai dizer que é necessário que os profissionais da educação sejam formados para a prática pedagógica e com isso ganhem uma especialização em psicologia infantil, para atuarem não apenas como transmissores de conhecimentos, mas educadores que estão obstinados a ajudar a criança a ser ela mesma, valorizando suas diferenças (GRATIOT-ALFANDÉRY, 2010, p.147).

Assim, mesmo considerando a pertinência de 70% das respostas dadas à esta primeira pergunta da entrevista, 30% ainda dos sujeitos entrevistados associam a afetividade ao amor e à paixão. Essa compreensão reduz o significado do termo e pode causar um impacto negativo na relação professor-aluno, ao limitar a relação afetiva à relação amorosa. Um professor que atua a partir desta compreensão poderá ignorar toda a complexidade de comportamentos que a dimensão afetiva pode desencadear no aluno e, em especial, ignorará que a afetividade é a principal responsável por favorecer ou inibir a disponibilidade motivacional deste aluno para seu processo de aprendizagem.

Tabela 3 – Depoimentos sobre a pergunta “Qual a importância da afetividade na relação professor aluno nos anos iniciais do ensino fundamental?”

DEPOIMENTOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
<i>E₁: “A importância da afetividade entre alunos e professor, é fundamental para uma construção de conhecimento, trazendo uma convivência mais agradável no meio em que você está tendo um lugar calmo e tranquilo para que as crianças se sintam acolhidas e amadas pelos professores e colegas.”</i>
<i>E₂: “Considero que é de extrema importância a construção de uma afetividade ou um sentimento positivo na relação professor aluno, acredito que essa boa relação faz fluir as aprendizagens.”</i>
<i>E₃: “A afetividade é fundamental nas relações professor/aluno, pois nos aproxima de nossos alunos, assim podemos conhecê-los melhor, e ajudá-los em suas construções e produções de conhecimentos, deixando com isso, a percepção do ensino ser apenas uma mera transmissão de conhecimentos, mas sim, uma apropriação.”</i>
<i>E₄: “Afetividade é extremamente importante no âmbito escolar, pois cria um ambiente agradável e harmônico onde as crianças desenvolvem uma maior estabilidade emocional, o que influencia no aprendizado e no próprio comportamento da criança.”</i>
<i>E₅: “Primordial. Essencial. Tão claro como o dia, o ser humano busca na relação com o outro a aceitação, o acolhimento, o sentir amado, querido, valorizado e importante. É a partir do relacionamento que encontrará sentido</i>

<p><i>para o aprender, o desenvolver psíquico/afetivo/cognitivo. Portanto, em todo o percurso da vida, inclusive na infância, que é o momento propício de acercamento do ser humano, a afetividade, em todas as suas nuances, precisa ser cuidadosamente trabalhada. Os conceitos basilares são concebidos e sentidos na infância. Não consigo pensar qualquer existência sem relações afetiva”</i></p>
<p><i>E₆: “Extremamente importante pois será a partir dela a construção da relação entre professor e aluno.”</i></p>
<p><i>E₇: “Na minha opinião é muito importante, não tem como dar somente aula, ensinar uma criança sem dar carinho.”</i></p>
<p><i>E₈: “Extremamente importante, pois eles vindo da educação infantil que tem esse vínculo tão presente, é necessário que o professor estabeleça um vínculo com o aluno, pois eles chegam em uma realidade diferente, então ainda se faz necessário estabelecer esse vínculo em um primeiro momento.”</i></p>
<p><i>E₉: “Através disso gera uma relação respeitável, amigável e carinhosa entre professor e aluno. Assim o aluno se sente confortável em se abrir com o professor e facilita essa troca no processo de aprendizagem. Isso é muito importante para o aprendizado das crianças dos anos iniciais, assim o aluno se desenvolve melhor e está mais aberto a aprender e se desenvolver por completo.”</i></p>
<p><i>E₁₀: “Muito importante, a criação de um vínculo afetivo entre o professor-aluno vai auxiliar no desenvolvimento integral do aluno.”</i></p>

Fonte: Dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos

Após analisar os dados, ficou claro que todos os sujeitos tem uma percepção acerca da importância da afetividade para a relação entre o professor e o aluno, embora alguns tenham uma perspectiva plana da real importância. É interessante saber que esses profissionais estão saindo do processo formativo preparados para receberem seus alunos de maneira afetuosa, mas ainda se faz necessário um aprofundamento das concepções, para que os futuros educadores entendam tal necessidade em sua total amplitude.

Destaquemos o depoimento do sujeito E₉; *“Através disso gera uma relação respeitável, amigável e carinhosa entre professor e aluno. Assim o aluno se sente*

confortável em se abrir com o professor e facilita essa troca no processo de aprendizagem. Isso é muito importante para o aprendizado das crianças dos anos iniciais, assim o aluno se desenvolve melhor e está mais aberto a aprender e se desenvolver por completo.“

Podemos perceber que esse sujeito tem uma noção ampla da importância da afetividade na relação professor-aluno. Quando ele diz que a afetividade “*gera uma relação respeitável, amigável e carinhosa entre professor e aluno*”, podemos observar que isso é comprovado na fala de Wallon, quando ele pontua que é por meio da afetividade que a criança estabelece as primeiras conexões com o meio e, quando o professor tem a percepção da importância disso, ele entende o quão fundamental é valorizar o aluno integralmente, respeitando-o como sujeito de direitos e subjetivo.

Como discutido no capítulo 1, Wallon destaca que o ser humano é organicamente social, por isso ele se desenvolve melhor quando está se relacionando com pessoas, então porque ignorar esses fatos e colocar o aluno em posição de submissão?

Dessa forma, fica claro a importância de o professor estar aberto a construir uma boa relação com o aluno, como pontua o E₃, que vai dizer que uma postura relacionável “*nos aproxima de nossos alunos, assim podemos conhecê-los melhor, e ajudá-los em suas construções e produções de conhecimentos*”. O sujeito E₁ traz que, “*uma convivência mais agradável no meio em que você está, um lugar calmo, e tranquilo*” favorecem “*para que as crianças se sintam acolhidas e amadas pelos professores e colegas*”, as permitindo estarem abertas ao diálogo e a aprendizagem.

Nos anos iniciais essa relação precisa ser tão intensa quanto na Educação Infantil, pois esse é um momento de transição importante em que a criança vai se sentir vulnerável. O entrevistado E₈ destaca que esse vínculo é “*extremamente importante, pois eles vindo da educação infantil que tem esse vínculo tão presente, é necessário que o professor estabeleça um vínculo com o aluno, pois eles chegam em uma realidade diferente, então ainda se faz necessário estabelecer esse vínculo em um primeiro momento.*”

E₅ pontua que, “*o ser humano busca na relação com o outro a aceitação, o acolhimento, o sentir amado, querido, valorizado e importante. É a partir do relacionamento que encontrará sentido para o aprender, o desenvolver psíquico/afetivo/cognitivo*” e dessa forma conseguimos perceber o quão importante é

a afetividade na relação professor aluno, que deve ser tão evidente nos anos iniciais como é na Educação Infantil.

Tabela 4 – Depoimentos sobre a pergunta “Para você existe alguma relação entre afetividade e aprendizagem escolar. Se sim, qual?”

DEPOIMENTOS DOS SUJEITOS DA PESQUISA
<i>E₁: “Sim, é através daquele vínculo que os professores tem com os alunos e os alunos tem com os colegas, são os sentimentos que temos um como outro, carinho, amor e compreensão que se dá aos alunos que favorece a aprendizagem escolar.”</i>
<i>E₂: “Entendo que sim, entre esses dois aspectos pode-se verificar por parte do aluno: facilidade de aprendizagem, interesse pelo conteúdo, motivação no cotidiano escolar, entre outros. Porém apenas quando se tem uma boa relação entre professor e aluno.”</i>
<i>E₃: “A afetividade é responsável pela aprendizagem do aluno, pois através de uma boa relação com o professor e com o meio em que se está, o aluno é capaz de aprender.”</i>
<i>E₄: “Se o professor tem esse sentimento em sala de aula, as chances de que as crianças se tornem adultos confiantes e seguros é muito maior, por isso a afetividade é tão importante.”</i>
<i>E₅: “Sim existe e são relações profundas. A escola tem o objetivo de corroborar com a formação integral do ser humano. O que se obtém na escola, não deve ser apenas informações, mas conhecimento principiado para a sabedoria. A evolução plena da mente está intimamente forjada com as relações comunitárias. E o que a escola senão uma comunidade? Qual a razão da existência da escola senão para as relações. E nas relações há afeto, por mais neutro que procure ser, há afeto. Bom ou ruim, forte ou raso, há sentimentos, emoções, ações e reações. Há vida! Há essência!”</i>
<i>E₆: “Sim, a partir de que o afeto irá proporcionar a aproximação entre aluno, conteúdo e professor.”</i>

<i>E₇: “Sim, se o professor der carinho para a criança, ele vai pensar “opa eu tenho carinho, eu sou amado nesse lugar, então eu quero ir pra lá pra escola para aprender o que a professora me ensinar”.”</i>
<i>E₈: “Com certeza, através dessa relação, eles perdem o medo de perguntar e se sentem acolhidos/importantes”</i>
<i>E₉: “Sim, pois através disso a criança se sente acolhido pelo professor e sente mais confiança naquilo que o professor fala, pois se não existir essa relação, ele não vai conseguir se desenvolver bem.”</i>
<i>E₁₀: “Sim, através dessa relação professor-aluno, o aluno vai estar mais disposto a aprender, ele vai se submeter aquilo que o professor ensina e assim vai desenvolver melhor.”</i>

Fonte: Dados colhidos através de entrevistas aos sujeitos

Fica evidente na análise desta última tabela que os futuros pedagogos, sujeitos desta pesquisa, estão preparados para lidar com o aluno em sua completude, não desconsiderando as experiências o que os alunos trazem consigo e a importância da afetividade na relação pedagógica do professor com seus alunos. .

Percebo semelhança entre os depoimentos e a fala do pedagogo Paulo Freire, quando ele diz que ensinar exige riscos, mas que pensar certo também envolve riscos.

Faz parte igualmente do pensar certo a rejeição mais decidida a qualquer forma de discriminação. A prática preconceituosa de raça, de classe, de gênero ofende a substantividade do ser humano e nega radicalmente a democracia (FREIRE, 2017, p. 37)

Ele continua dizendo que é necessária uma formação permanente dos professores e que tal formação os leve a reflexão crítica do que envolve a prática pedagógica e o que poderia ser melhorado em relação a prática do ontem.

Uma das tarefas mais importantes da prática educativo-crítica é propiciar as condições em que os educandos em suas relações uns com os outros e todos com a figura educadora ensaiam a experiência profunda de assumir-se. Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante,

transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque capaz de reconhecer-se como objeto³ (FREIRE, 2017, p. 42).

As vezes não conseguimos compreender que um pequeno gesto afetivo por parte do educador, pode ser significativo para a formação do aluno e contribua para a troca de experiências com os seus colegas. Recordo-me de um momento que vivi na experiência como professora auxiliar durante minha formação, quando uma criança de seis anos me pediu ajuda para amarrar o cadarço, porque ainda não sabia. Aberta a realizar a minha função de forma a compreender a criança como um sujeito disposto a aprender, me dispus a ensiná-la de forma didática e divertida como amarrar o próprio cadarço. Minutos depois a vi contando para os colegas que havia aprendido com a professora como amarrar o cadarço era legal e as ensinando como fazer. Um gesto que parece tão banal aos olhos dos adultos, se torna um ponto importante na formação totalitária da criança.

Como seria possível pensar o ensinar sem levar em consideração que as crianças nos veem com olhos de amor e admiração. Quando estamos dispostos a ensiná-las com afeto, estamos também abertos a criar relações profundas de professor e aluno. Conforme pontua o entrevistado E₅, *“a escola tem o objetivo de corroborar com a formação integral do ser humano. O que se obtém na escola, não deve ser apenas informações, mas conhecimento principiado para a sabedoria. A evolução plena da mente está intimamente forjada com as relações comunitárias.”*

Em síntese, os dados coletados por meio de entrevistas com estudantes concluintes do curso de Pedagogia deixaram evidente que estes estudantes estão tendo uma formação adequada no que diz respeito à importância da afetividade na relação professor-aluno. Entretanto, uma porcentagem significativa destes, 30%, ainda compreendem a afetividade como sinônimo de amor e não como uma dimensão da condição humana que aliada à cognição, à motricidade, à cultura e à condição material de vida do aluno, determina o seu comportamento e suas atitudes com o professor e com o seu processo de aprendizagem durante o processo de escolarização.

³ Objeto do conhecimento, segundo Paulo Freire em seu livro Pedagogia da Autonomia.

CONCLUSÃO

Ao final deste estudo percebe-se que a afetividade é um conceito amplo e bastante pesquisado pelos pesquisadores da área da educação. Wallon aponta a importância da afetividade para a aprendizagem de desenvolvimento da criança de forma totalitária, não negligenciando aspectos sociais e subjetivos desses sujeitos.

Apesar de ser uma área muito estudada e pesquisada, a afetividade ainda é um tabu entre as instituições educativas, que visam apenas a aprendizagem dos conhecimentos científicos e, muitas vezes, não levam em consideração essa subjetividade tão necessária para o desenvolvimento totalitário do indivíduo.

Podemos observar que a afetividade está presente na vida dos sujeitos desde o seu nascimento, influenciando a forma com que ele dialoga com o mundo e se estabelece a partir dele. Apesar de muitos profissionais da educação entenderem a afetividade como a expressão das emoções, ela vai muito além disso. De maneira breve e objetiva, a afetividade nada mais é que um conjunto de fenômenos psíquicos que levam o sujeito a experienciar a realidade a partir dos sentidos e dos sentimentos.

É de extrema importância a criação de uma relação afetiva com as crianças ainda no primeiro dia de aula, para que a criança se sinta acolhida e a vontade para se expressar. É fato que existem crianças que tem um pouco mais de dificuldade em se relacionar, mas com paciência e cuidado, é possível trazer essa criança para o ambiente de aprendizagem por completo.

Compreender a criança como sujeito é fundamental para estar disposto a ensinar com democracia, pois é preciso que o professor entenda a singularidade dessa criança e a respeite, independentemente das suas particularidades. O aluno precisa se sentir confortável para trazer suas vivências e, conseqüentemente, aprender o conteúdo de forma significativa, quando aplicado a sua realidade.

Ensinar com afeto não é sobre ser chamado de “tia” ou de “tio”, na verdade, vai muito além disso, é sobre levar em consideração a criança em sua totalidade. Como diz Paulo Freire, “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção.” É saber criar uma relação afetiva saudável com a criança, de forma com que ela entenda que o professor, é um

professor, um agente da transmissão do saber, mas que também é a pessoa em que ele pode confiar e, conseqüentemente, aprender com ele.

Como pedagogos devemos nos lembrar em todos os momentos o que Paulo Freire diz; “Não existe docência sem discência”, então que possamos ter sabedoria e preparo para saber como lidar com nossos alunos, independente de classe social, gênero ou cor, mas que os vejamos como nossos alunos, que são sujeitos prontos para receberem o saber e aprender a sistematiza-los pensando criticamente, com base na realidade em que ele vive, para que no futuro, sejam adultos conscientes das suas funções sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Milena Andrea Pedral Vanin de. *A dimensão afetiva nas práticas pedagógicas de professoras alfabetizadoras dos anos iniciais do ensino fundamental*. 2014. 107 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014.

COSTA, Gisele Ferreira da. *O Afeto que Educa: Afetividade na aprendizagem*. 2017. Disponível em: <https://www.ufjf.br/pedagogia/files/2017/12/O-AFETO-QUE-EDUCA.pdf>. Acesso em: 01 maio 2022.

DANTAS, Heloysa. Afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE, Yves de; et al. *Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão*. 18.ed. São Paulo: Summus, 1992. p. 85-100.

FREIRE, Paulo. *Prática Docente: primeira reflexão*. In: _____. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 55. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GRATIOT-ALFANDÉRY, Hélène. *Henri Wallon / Hélène Gratiot-Alfandéry*; tradução e organização: Patrícia Junqueira. – Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

MACÊDO, Rosa Maria de Almeida. O processo de desenvolvimento humano explicando porque somos tão iguais e tão diferentes! In: CARVALHO, M. V. C. de. *Temas em Psicologia e educação*. Autêntica: Belo Horizonte, 2006.

MAHONEY, Abigail Alvarenga; et al. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da Educação: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados PUC - São Paulo*, São Paulo, ano 20, p. 11-30, 7 jun. 2005. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/43324>. Acesso em: 28 set. 2021.

OLIVEIRA, Maristela Fatima dos Santos. *Afetividade e escola: uma relação em construção*. 2016. Dissertação (Mestre em Teologia) - Escola Superior de Teologia,

São Leopoldo, 2010. Disponível em: <http://dspace.est.edu.br:8080/xmlui/handle/BR-SIFE/193?show=full>. Acesso em: 22 out. 2021.

PUC GOIÁS. *Diretrizes Para A Construção do Trabalho Monográfico No Curso de Pedagogia da PUC Goiás*. Goiânia. 2014.

RAMOS, J. F. P. LEITE, A. A. FILHO, L. de A. F. Função Social da Escola: qual o lugar do pedagógico, do político e do trabalho? Disponível em: <http://educas.com.br/blog/wp-content/uploads/2012/04/FUN%C3%87%C3%83OSOCIAL-DA-ESCOLA.pdf>. Acesso em 18 de maio de 2022.

RIBEIRO, M. L. (2010). A afetividade na relação educativa. *Estudos de Psicologia*, 27 (3), pp. 403-412. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/estpsi/a/yHSYRVgtXbrdFnBHw5BVsRc/?format=pdf&lang=pt> .> Acesso em 22 out. 2021.

RIBEIRO, Rosa dos Santos. *A afetividade no ensino fundamental: o estado do conhecimento e as contribuições de Piaget e Wallon*. 2017. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia-GO.

ROCHA, Maria da Conceição. *A contribuição da afetividade na aprendizagem escolar na educação infantil*. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia a Distância), Centro de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SALLA, Fernanda. *O conceito de afetividade de Henri Wallon*. [S. l.], 1 out. 2011. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/264/0-conceito-de-afetividade-de-henri-wallon>. Acesso em: 14 abr. 2022.

SEÁRA, Maxsoelia Souza De Almeida et al. A afetividade como recurso mediador para o conhecimento. *Anais VII CONEDU - Edição Online...* Campina Grande: Realize

Editora, 2020. Disponível em: <<https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/67493>>. Acesso em: 11/11/2021 21:35

SILVA, Gardênia Thaís Meireles da; *et al.* A Relação professor-aluno nos anos iniciais do ensino fundamental. *Revista dos Alunos de Pedagogia*, Nova Odessa, ano 5, v. 1, p. 20-31, 2016. Disponível em: <http://www.nwk.edu.br/intro/wp-content/uploads/2014/05/Revista-dos-aluno-sde-Pedagogia.pdf#page=20>. Acesso em: 22 out. 2021.

SOUSA, Léa Barbosa de. A Relevância da afetividade para a aprendizagem significativa. In: SOUSA, Léa Barbosa de. *Afetividade no contexto escolar da educação infantil: Relevância para a aprendizagem significativa*. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) - Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologia, Lisboa, 2014. p. 96 - 125. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/48582198.pdf>. Acesso em: 25 set. 2021.

SOUZA, Maria Thereza Costa Coelho de. As relações entre afetividade e inteligência no desenvolvimento psicológico. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 249 - 254, junho 2011. DOI <https://doi.org/10.1590/S0102-37722011000200005>. Acesso em: 1 out. 2021

SOUZA, Oralda Adur de. *Família-escola e desenvolvimento humano: um estudo sobre atitudes educativas familiares*. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

TURRATI, Maria Sueli; *et al.* A importância da afetividade na educação da criança. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, Três Corações, v.9, n.2, p.129-142, 2011.

ANEXO 01 – TRANSCRIÇÃO DA ENTREVISTA

Perguntas Norteadoras:

(1) O que é afetividade para você?

(2) Qual a importância da afetividade na relação professor-aluno nos anos iniciais do ensino fundamental?

(3) Para você existe alguma relação entre afetividade e aprendizagem escolar? Se existe, qual?

ALUNO 01 -

Sexo feminino

Não foi professora

8 período

1. Afetividade, é conceito que está relacionado ao sentido, emoção, paixão, amor etc.

2. A importância da afetividade entre alunos e professor, é fundamental para uma construção de conhecimento, trazendo aqui uma convivência mais agradável no meio em que você está tendo um lugar calma, e tranquilo para que as crianças se sintam acolhido e amado pelo professores e colegas.

3. Sim, é através daquele vínculo que os professores tem como alunos e alunos tem com colegas, é sentimentos que temos um como outro, carinho, amor e compreensão que se dá aos alunos.

ALUNO 02 –

Sexo feminino

Não foi professora

8 período

1. É a expressão de algum tipo de sentimento que a gente tem.

2. Considero que é de extrema importância a construção de uma afetividade ou um sentimento positivo na relação professor aluno, acredito que essa boa relação faz fluir as aprendizagens.

3. Entendo que sim, entre esses dois aspectos pode-se verificar por parte do aluno: facilidade de aprendizagem, interesse pelo conteúdo, motivação no cotidiano escolar, entre outros. Porém quando se tem uma boa relação entre professor e aluno.

ALUNO 03 –

sexo feminino

professora anos iniciais

8 período

1. A afetividade é tudo que afeta o ser humano de maneira positiva ou negativa

2. A afetividade é fundamental nas relações professor/aluno pois nos aproxima de nossos alunos, assim podemos conhecê-los melhor, e ajudá-los em suas construções e produções de conhecimentos, deixando com isso, do ensino ser apenas uma mera transmissão de conhecimentos, mas sim, uma apropriação. (Tcc)

3. “A afetividade é responsável pela aprendizagem do aluno, pois através de uma boa relação com o professor e com o meio em que se está, o aluno é capaz de aprender.”

ALUNO 4 –

Sexo Masculino

Não é professor

8 período

1. Afetividade nada mais é que um sentimento de querer bem, de cuidado de carinho, de se importar.

2. A Afetividade é extremamente importante no âmbito escolar, pois cria um ambiente agradável e harmônico onde as crianças desenvolvem uma maior estabilidade emocional, o que influencia no aprendizado e no próprio comportamento da criança.

3. “Se o professor tem esse sentimento em sala de aula, as chances de que as crianças se tornem adultos confiantes e seguros é muito maior, por isso a afetividade é tão importante.”

ALUNO 5 –

Sexo feminino

Não foi professora

7 período

1. Para mim, a afetividade perpassa a experiência dos diversos sentimentos, emoções, tendências tanto em relação ao outro como consigo mesmo. Está intrinsecamente vinculado a receptividade, assimilação, cognição, ações e reações... do ser humano. Creio que Wallon, Piaget e Vygotsky retratam a importância e o significado melhor, não só para o processo do ensino aprendido, mas sobretudo para desenvolvimento integral do ser humano.

2. Primordial. Essencial. Tão claro como o dia, o ser humano busca na relação com o outro a aceitação, o acolhimento, o sentir amado, querido, valorizado e importante. É a partir do relacionamento que encontrará sentido para o aprender, o desenvolver psíquico/afetivo/cognitivo. Portanto, em todo o percurso da vida, inclusive na infância, que é o momento propício de alicercamento do ser humano, a afetividade, em todas as suas nuances, precisa ser cuidadosamente trabalhada. Os conceitos basilares são concebidos e sentidos na infância. Não consigo pensar qualquer existência sem relações afetiva

3. Sim existe e são relações profundas. A escola tem o objetivo de corroborar com a formação integral do ser humano. O que se obtém na escola, não deve ser apenas informações, mas conhecimento principiado para a sabedoria. A evolução plena da mente está intimamente forjada com as relações comunitárias. E o que a escola senão uma comunidade? Qual a razão da existência da escola senão para as relações. E nas relações há afeto, por mais neutro que procure ser, há afeto. Bom ou ruim, forte ou raso, há sentimentos, emoções, ações e reações. Há vida! Há essência!

ALUNO 6 –

Sexo feminino

Não foi professora

7 período

1. Demonstração de sentimentos a outro ser, seja eles bons ou ruins.
2. Extremamente importante pois será a partir dela a construção da relação entre professor e aluno.
3. Sim, a partir de que o afeto irá proporcionar a aproximação entre aluno, conteúdo e professor

ALUNO 7 –

Sexo feminino

Não foi professora

7 período

1. Afetividade o próprio nome já fala afeição, é dar carinho.
2. Na minha opinião é muito importante, não tem como dar somente aula, ensinar uma criança sem dar carinho.
3. Sim, se o professor dar carinho para a criança, ele vai pensar opa eu tenho carinho, eu sou amado nesse lugar, então eu quero ir pra lá pra escola para aprender o que a professora me ensinar.

ALUNO 8 –

Sexo feminino

Já foi professora

8 período

Professora no ensino fundamental anos finais

1. Afetividade é ter uma conexão afetiva/emocional com o outro
2. Extremamente importante, pois eles vindo da educação infantil que tem esse vínculo tão presente, é necessário que o professor estabeleça um vínculo com o aluno, pois eles chegam em uma realidade diferente, então ainda se faz necessário estabelecer esse vínculo em um primeiro momento.
3. Com certeza, através dessa relação, eles perdem o medo de perguntar e se sentem acolhidos/importantes

ALUNO 9

Sexo Feminino

Professora anos iniciais

8 período

1. Afetividade é o carinho, o amor, a conexão emocional, o comprometimento, o cuidado. Mas não é por qualquer pessoa se sente afeto, ocasionada pela falta de contato.
2. Através disso gera uma relação respeitável, amigável e carinhosa entre professor e aluno. Assim o aluno se sente confortável em se abrir com o professor e facilita no processo de aprendizagem. Isso é muito importante para o aprendizado das crianças dos anos iniciais, assim o aluno se desenvolve melhor e está mais aberto a aprender e se desenvolver por completo.
3. Sim, pois através disso a criança se sente acolhido pelo professor e sente mais confiança naquilo que o professor fala, pois se não existir essa relação, ele não vai conseguir se desenvolver bem.

ALUNO 10 –

Sexo feminino

Professora da educação infantil

8 período

1. A afetividade é a conexão que o indivíduo estabelece com outro indivíduo.

2. Muito importante, a criação de um vínculo afetivo entre o professor-aluno vai auxiliar no desenvolvimento integral do aluno.

3. Sim, através dessa relação professor-aluno, o aluno vai estar mais disposto a aprender, ele vai se submeter aquilo que o professor ensina e assim vai desenvolver melhor.